

RITO DE PASSAGEM

Em determinados momentos ou períodos de nossas vidas, fatos aleatórios ou desconexos conspiram e, tempos depois, quase sempre de forma sincronizada, convergem positivamente a nosso favor, possibilitando-nos experiências imaginadas. Será que isso já aconteceu com você? Tenho certeza disso.

Por não ter podido concluir o segundo grau enquanto servia ao Exército Brasileiro em 1976, por uma série de contingências, eu o fiz em dezembro de 77, bem como prestei o vestibular para começar em 78. Em novembro de 78 iniciei o namoro com minha hoje esposa Katia. Mês seguinte, ou seja, dezembro, o pai dela juntou toda a família e vazou em uma viagem pelo cone sul. Entrei de férias do meu primeiro ano de faculdade namorando sem namorada.

Minha irmã Josmara era amiga de turma de Katia no mesmo colégio, o Santa Cecília. Concluíram em 78 o segundo ano do segundo grau e desta forma prestariam vestibular ao término de 79. Tinham portanto, de folga durante este ano, só estas férias de fim de 78/79.

Josmara há muito tinha programado suas férias antes do vestibular. Iria a BH e RJ, mais uma vez visitar a nossa estimada parentada dos Oliveira. Sem nada por fazer, me pareceu uma boa ideia acompanhá-la em suas férias junto a tios, tias, primos e primas distantes de nosso dia a dia.

Tia Aíla Oliveira e Tio Antonio David mais uma vez carinhosamente nos acolheram. De primos mais velhos lá nós tínhamos o Marcone e o Glauco. David Jr. e Aíla Vanessa eram um pouco mais novos que eu. Havia também os demais filhos deles, com idades variadas. Mônica Miranda, prima do Rio, estava lá também. Só a família e nós, as visitas, já dava uma baita festa.

Em Fortaleza eu era o primogênito da família de meu pai e de minha mãe. Minhas referências, portanto, estavam nos meus primos mais velhos de BH, incluindo aí Fred, irmão de Mônica. Pela primeira vez, conscientemente, eu faço esta afirmação.

Eles foram criados em uma grande cidade e faziam coisas que estavam longe de minhas possibilidades de rapaz criado debaixo das asas rígidas da Maria Lúcia. Eles sem dúvida eram o que eu queria ser naquela época de iniciação à vida adulta.

Os três já trabalhavam e à noite estavam sempre disponíveis a nos mostrar a BH vista pelos olhos dos nativos. Aos fins de semana, íamos às cidades históricas próximas a BH. Só aproveitando a mordomia, passamos vários dias dando trabalho à incansável Tia Aíla.

Logo nos primeiros dias em BH, via Glauco conheci seu então inseparável amigo Alex. Seriam necessárias várias crônicas para descrever a figura ímpar do Alex. Foi imediata a empatia entre nós dois, e isso possibilitou, em muito, o que haveria de acontecer dias depois.

O tempo passou rapidamente, como tudo que é bom. Porém, em nossas saídas com Glauco e Alex, passei a notar conversas em códigos entre eles. A princípio achei normal; quem não tem seus próprios códigos de comunicação com amigos? Normal. Algo, porém, os estava incomodando.

Em um dia qualquer, do nada, Tia Aíla me questionou o porquê de eu não acompanhar Glauco e Alex em uma viagem de carro que eles iriam realizar. Afirmei que desconhecia completamente o assunto, que era uma surpresa para mim esta viagem deles. Acabara de descobrir o tema das conversas em códigos entre eles. Passado o desconforto inicial, ela me explicou didaticamente do que se tratava e, ao término, como mãe, me sugeriu que eu fosse.

Em "Introdução à Administração" fui apresentado aos papas da moderna administração científica, neste caso, ao Abraham Maslow e sua *teoria da hierarquia das necessidades*. Entre os principais passos propostos por ele para alcançar a autorrealização, duas me influenciam até hoje, a saber: - fazer escolhas a cada instante em prol do crescimento e não do medo; - identificar as defesas do seu ego e ter a coragem de abandoná-las.

A mão invisível do destino me levava a BH. Agora em ato final, como se fosse o objetivo principal, me coloca aos 21 anos diante de uma oportunidade única de crescer via algo inusitado: uma longa viagem de carro. Aplicaria ou não os dois preceitos de Maslow com quais me identifiquei na universidade?

Abordei Glauco e Alex sobre as expectativas deles sobre a viagem e onde e como eu me encaixava nisso. Eles me explicaram sem saber que eu já estava decidido a ir. Sabia que estas informações seriam em algum momento importantes. Minha Tia Aíla telefonou para meu pai, explicou o que estava acontecendo e indagou se ele bancaria as despesas caso eu resolvesse acompanhar o Glauco e o Alex na viagem. Ele então pediu para falar comigo antes, ou seja, ele estava aberto, porém queria detalhes do fato.

À noite liguei pra Zé Pereira, que perguntou "que história é essa de mudar o combinado e inventar outra coisa?". Sem gaguejar, contextualizei que seria uma grande oportunidade de conhecer o Sul do Brasil em companhia do Glauco. Felizmente deu certo, com meu compromisso de prudência sempre.

Chegado o grande dia, o carro estava pronto pra rodar 12 mil quilômetros, os meninos prontos para conhecerem muitas cidades e eu pronto para meu o meu muito esperado grande **RITO DE PASSAGEM**.

Por: Adm. JOSÉ PEREIRA DE OLIVEIRA FILHO CRA 0296 MA